

FOCUS



Pelo Departamento de
Pesquisa Econômica
de Coface

Os efeitos colaterais a médio e longo prazo nas tendências dos setores globais pela guerra na Europa: existirão setores resistentes?

SUMÁRIO EXECUTIVO

A curto prazo, todos os setores para os quais a Coface publica avaliações de risco setorial em seis regiões do mundo[1] serão afetados pelos efeitos indiretos da invasão russa na Ucrânia em 24 de fevereiro. Como explicado no artigo da Coface sobre o assunto publicado em março[2], esperamos que a maioria dos setores (para os quais publicamos avaliações de risco setorial) seja atingida direta ou indiretamente, incluindo: metais, o subsetor petroquímico [3], automotivo, transportes, vestuário têxtil, papel e agroalimentar, com disparidades de acordo com a posição das empresas na cadeia de abastecimento ou localização geográfica.

Ao analisar a dinâmica e as perspectivas destes setores, este artigo examina aqueles que a Coface prevê que serão relativamente resistentes a médio e longo prazo[4].

Espera-se que os setores e subsetores mais resistentes sejam a mídia[5] (um subsegmento TIC), os produtos farmacêuticos e um subsegmento de produtos químicos especializados. Eles têm em comum uma combinação de vários fatores. Existem setores contra cíclicos, dos quais os seus produtos e posições dominantes no mercado estão concentrados em partes específicas do mundo: principalmente a Ásia, os EUA e, em menor grau, a Europa Ocidental, principalmente nas economias avançadas. Além disso, existem atividades industriais inovadoras e de alta tecnologia, com fortes barreiras de entrada a novos atores, exigindo importantes investimentos de longo prazo em pesquisa e desenvolvimento. De fato, elas estão concentradas em algumas poucas empresas líderes globais.

A médio e longo prazo, os setores mais impactados provavelmente serão os mais cíclicos e de maior consumo de energia, tais como petroquímicos, papel, transporte[6] e têxtil. Estes são setores tipicamente cíclicos, que têm sido desafiados durante vários anos pelas inovações tecnológicas, regulamentações ambientais aprimoradas e pela evolução das preferências dos consumidores. Isto, num contexto em que todos os setores do mundo e do comércio global provavelmente serão afetados pelo contínuo impacto negativo dos efeitos da pandemia da COVID-19, notadamente materializada pelo fechamento do porto de Xangai na China, devido à política de zero de COVID das autoridades. De acordo com a CENUCED, a China representou cerca de 15% do comércio global em 2020. No momento em que foi escrito, este encerramento já estava em andamento há mais de um mês.

Os setores acima mencionados, que deverão ser os mais afetados pelos efeitos colaterais a médio e longo prazo da guerra na Ucrânia, bem como o bloqueio do porto de Xangai, têm que enfrentar esses choques a partir de diferentes situações financeiras. Existem, por exemplo, importantes disparidades entre os diferentes subsetores de transporte. No primeiro trimestre (T1) de 2022, o lucro do frete marítimo foi de 28% de seu faturamento, enquanto o transporte aéreo registrou um prejuízo de 11% de seu faturamento (ver gráfico 2).

O setor de papel é bastante ilustrativo dos setores que deverão ser os mais impactados a médio prazo. Ele enfrenta os desafios da contínua digitalização global da economia e do uso social. A longo prazo, resta saber até que ponto o setor varejista (ligado ao têxtil) será impactado.

[1] América do Norte, América Latina, Ásia - Pacífico, Europa Central e Oriental, Europa Ocidental, Oriente Médio e Turquia.

[2] Ver Coface Focus: Conflito Rússia-Ucrânia: estagnação à frente, 7 de março de 2022 pelo Departamento de Pesquisa Econômica da Coface

[3] Na metodologia de avaliação de risco setorial da Coface, o setor químico compreende três subsetores: petroquímicos, especialidades químicas e fertilizantes.

[4] Neste artigo, dado o ambiente geopolítico global muito volátil, o médio prazo é definido como uma perspectiva de aproximadamente seis meses a partir de agora. O longo prazo é definido como um período entre seis meses e um ano a partir de agora.

[5] A metodologia de avaliação de risco setorial da Coface para o setor de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) incorpora vários segmentos: telecomunicações, eletrônica, segmento de mídia e um segmento final composto por computadores, software e equipamentos de TI.

[6] De acordo Com a metodologia da Coface, o transporte inclui subsetores de transporte ferroviário, marítimo, rodoviário e aéreo.

Como mencionado em nosso estudo macroeconômico sobre o assunto[7], uma vez que as famílias esperam uma deterioração acentuada em sua situação financeira pessoal e na economia em geral, é provável que haja um impacto negativo no setor varejista a médio prazo, com disparidades de uma região para outra. Entretanto, com a materialização de alguns amortecedores implementados pelos governos, tais como selos alimentares para o segmento mais vulnerável da população ou subsídios de preços de energia na Europa, o impacto no segmento de varejo pode ser relativamente moderado. A este respeito, uma correlação de um aumento potencial de insolvências globais das empresas pela crise terá que ser monitorada cuidadosamente, à luz de possíveis políticas governamentais para conter tal fenômeno.

De fato, durante o período de pico da crise da COVID-19 (na primavera de 2020, quando a metade da humanidade estava presa), o apoio dos governos às empresas e às famílias, particularmente nas economias avançadas, contribuiu para conter as insolvências em geral.

Dada a dimensão vital do setor agroalimentar, as consequências dos desafios que enfrenta devido aos altos preços dos alimentos e insumos, combinados com a escassez no fornecimento de fertilizantes, são críticas, pois podem ameaçar a segurança alimentar global, bem como desencadear instabilidade política, notadamente através de motins da fome. De acordo com os resultados do modelo da Coface sobre a vulnerabilidade aos altos preços dos alimentos e a dependência dos preços da energia por região, o sul da Ásia e a África são as regiões mais vulneráveis, com mais de 225 milhões de pessoas sendo vulneráveis à insegurança alimentar em todo o mundo.

No setor agroalimentar, assim como no setor energético e petroquímico, vale mencionar que nem todas as empresas do mesmo setor serão afetadas na mesma medida pela guerra na Ucrânia. Isso dependerá de estarem a montante ou a jusante na cadeia de abastecimento.

De modo geral, espera-se que a maioria dos setores seja afetada por problemas contínuos de abastecimento a médio prazo, pois estes serão exacerbados pela guerra, particularmente os energéticos (especialmente na Europa) e os cereais (Ucrânia, Rússia e Bielorrússia são grandes produtores de cereais), além das contínuas interrupções no abastecimento de semicondutores que começaram no início do ano passado, principalmente por causa da recuperação econômica pós-pandêmica. Quanto mais tempo durar a guerra, mais provável é que um choque de demanda se materialize, tornando o ambiente global ainda mais adverso.

Dito isto, a longo prazo, esperamos também uma adaptação gradual dos hábitos tanto dos consumidores quanto das empresas (economia de energia, mudança da farinha de trigo para alternativas), bem como uma mudança na organização da cadeia de abastecimento, esta última terá definitivamente um impacto sobre as cadeias de abastecimento globais. Por exemplo, rotas cruciais de frete ferroviário entre a Europa e a China, que antes atravessavam a Rússia, estão agora se desenvolvendo fora da zona através do corredor médio (esta rota não está sob sanção no momento da redação). Assim como o impacto da crise COVID-19 sobre as tendências dos setores globais, este novo choque provavelmente atuará como um catalisador para transformações significativas tanto na organização da cadeia de abastecimento quanto nos hábitos dos consumidores.

Tabela 1: Setores cobertos pela metodologia de Avaliação de Risco Setorial da Coface

 Agroalimentar	 TICs*	 Têxtil
 Automotivo	 Metais	 Transporte
 Química	 Papel	 Madeira
 Construção	 Farmaceutico	
 Energia	 Varejo	

*De acordo com a metodologia de avaliação de risco setorial da Coface, o setor de TIC incorpora vários subsegmentos: telecomunicações, eletrônica, segmento da mídia e um último composto por computadores, software e equipamentos de TI.

A guerra Rússia-Ucrânia irá ter a médio e longo prazo consequências negativas (diretas e indiretas) sobre todas as tendências globais dos setores

No médio e longo prazo, os treze setores para os quais a Coface publica avaliações de risco setoriais em seis regiões do mundo serão impactados pelos efeitos colaterais da guerra Rússia-Ucrânia[8]. Além das regiões mencionadas, o continente africano também está em risco significativo.

O choque econômico, político e humanitário adicional para a economia global, desencadeado pela guerra na Ucrânia, ocorreu em um contexto de alta volatilidade pré-existente dos preços de commodities, que é provável para permanecer.

A guerra na Ucrânia exacerbou as tensões inflacionárias pré-existentes (notadamente para alimentos e petróleo)[9] que já estavam pesando na economia global desde o início de 2021. A Ucrânia, a Rússia e, em menor escala, a Bielorrússia são os principais produtores e exportadores de commodities (gás, carvão, petróleo), Cereais e metais preciosos, madeira, fertilizantes, etc.), notadamente para a Europa. Por exemplo, a Rússia e a Ucrânia representaram respectivamente 18% e 11% das exportações globais de trigo em 2019, de acordo com o USDA[10]. Portanto, antecipamos que esta guerra terá consequências negativas a médio e longo prazo em todos os setores do mundo.

As tensões inflacionárias e o choque energético terão impacto principalmente nos setores cíclico e energético intensivo, com disparidades significativas entre as diferentes regiões.

A alta dos preços da energia terá um impacto principalmente sobre os setores intensivos em energia. A este respeito, todos os setores industriais estão envolvidos, embora em graus variados e dependendo da região. A Coface realizou um estudo avançado de intensidade energética para os 27 países da União Europeia, a fim de avaliar quais setores seriam mais vulneráveis às interrupções no fornecimento de energia na UE (ver Quadro 1). Os resultados mostram semelhanças com o estudo no Quadro 2, onde a Coface examina o impacto deste choque sobre as trajetórias financeiras do setor global. Do ponto de vista da análise setorial, embora os resultados da intensidade energética sejam limitados aos países da UE, em ambos os estudos. Entre os setores mais intensivos em energia que se destacam como muito vulneráveis à interrupção no fornecimento de energia estão o papel e os alimentos[11], tanto a nível da UE como global (ver Quadro 2 página 4).

[7] Ver artigo da Coface Focus - Guerra na Ucrânia: Muitos (grandes) perdedores, poucos (reais) vencedores, 3 de maio de 2022, Pelo Departamento de Pesquisa Econômica da Coface, em colaboração com o Instituto français des relations internationales (IFRI).

[8] Ver artigo Coface Focus - Rússia - Ucrânia conflito: estagnação adiante, 7 de março de 2022 pelo Departamento de Pesquisa Econômica da Coface

[9] Ver artigo da Coface Barometer, The U.S. leads the race to global recovery, emerging markets lag behind, Abril 2022

[10] USDA, World Agricultural Supply and Demand Estimates (Março 2022), disponível em: <https://www.usda.gov/oce/commodity/wasde/wasde0322.pdf>

[11] Nos dois estudos do Quadro 1 e do Quadro 2, utilizamos os dados do Eurostat e os dados financeiros Refinitiv Datastream para empresas globais, respectivamente.

CAIXA 1: INTENSIDADE ENERGÉTICA NOS PRINCIPAIS SETORES INDUSTRIAIS DA UE27

Como mencionado anteriormente, a invasão russa da Ucrânia levou a um choque inflacionário, especialmente nos preços da energia. A fim de analisar em detalhes os efeitos deste choque em uma série de indústrias na UE, a Coface produziu um índice de intensidade energética. Para o propósito deste estudo, consideramos apenas o uso de energia nas linhas de produção. Portanto, ele não leva em conta a energia utilizada a montante para os insumos utilizados.

O índice de intensidade energética foi calculado dividindo o consumo de energia do setor de um país da EU[12] pelo valor agregado. Assim, obtemos um valor correspondente à quantidade de energia (MJ) necessária para produzir um euro de valor agregado. O índice energético destaca, portanto, os setores da UE que serão mais afetados pelas perturbações no mercado energético, país por país.

Vale mencionar que o banco de dados bruto utilizado pelo Eurostat agrega um grupo de setores, que juntos representam apenas 5% do consumo final de energia no que diz respeito às linhas de produção das plantas, incluindo: produtos farmacêuticos, fabricação de computadores, produtos eletrônicos e ópticos, fabricação de equipamentos elétricos, fabricação de móveis e joalheria.

As três indústrias mais intensivas em energia na União Europeia de acordo com este indicador são: metais, minerais não metálicos, produtos químicos e petroquímicos. Elas são seguidas de perto pela pasta de papel e impressão. Os dois setores que aparecem como menos intensivos em energia usando este indicador são equipamentos de transporte e construção. Embora este resultado possa ser surpreendente, na verdade é coerente com a metodologia usada para calcular este indicador usando o banco de dados Eurostat, pois mede a quantidade de energia (MJ) usada na linha de produção. Portanto, os materiais utilizados não são levados em conta, nem o nível de consumo de energia necessário para produzi-los.

Em geral, de acordo com a metodologia da Coface, esperamos que os setores de construção e transporte sejam impactados pelos altos preços da energia através de dois canais principais. Primeiro, o aumento direto dos preços da eletricidade ou do petróleo afetará as atividades do setor de transporte em todos os segmentos (ferroviário, aéreo, marítimo e rodoviário) e, para as atividades de construção, as necessidades de energia para operar máquinas, etc. (em um contexto de condições monetárias mais rigorosas em geral). Por exemplo, os efeitos inflacionários da guerra pressionaram o Fed a esfriar a atividade mais rapidamente do que o esperado. O segundo canal compreende custos indiretos, ligados ao fato de que os bens intermediários utilizados são mais caros, já que são feitos de plástico ou metais, por exemplo. Neste último canal, os setores de construção e transporte serão afetados indiretamente através dos "setores fornecedores" (o subsetor petroquímico e o setor metalúrgico) que são muito intensivos em energia.

Vários fatores podem explicar as disparidades de intensidade energética entre países para o mesmo setor neste estudo (ver Tabela 2). Entre eles está o fato de que os setores estão divididos em vários subsetores e, portanto, as especializações, que são mais ou menos intensivas em energia. Portanto, depende da especialização de cada subsetor de cada país.

Por exemplo, se analisarmos as atividades minerais não-metálicas em vários países, existem importantes disparidades. De fato, o estudo mostra que a Finlândia, a Suécia e a Holanda estão entre as menos intensivas em relação a essas atividades (ver Tabela 2), pois não fabricam muito cimento em comparação com outros países. Para o setor químico, por exemplo, as importantes diferenças entre países são geralmente explicadas pelo grau de exposição aos petroquímicos, que são altamente intensivos em energia.

Tabela 2: setores industriais (intensidade energética na linha de produção)

Calculado com os quartis de distribuição total (todas as tabelas)

Intensidade energética (energia total) (MJ/€)	Metalúrgico	Químico e petroquímico	Minerais não metálicos	Equipamento de transporte	Maquinaria	Mineração e extração	Alimentos, bebidas e tabaco	Celulosa de papel e impressão	Madeiro e produtos madeiros	Motores de construção	Têxtil e couro
UE 27	22,4		19,3			3,6	4,6	18,3	9,5	0,6	2,2
Bélgica	19,4	19,8	21,1	1,6	3,2	7,9	7,7	14,4	9,4	0,4	5,7
Bulgária	24,1	77,9	47,5	1,9	8,9	8,0	7,9	26,1	22,3	1,3	3,2
Rep. Checa	31,1	23,2	21,3	1,8	6,2	2,9	5,6	18,0	6,9	0,6	4,7
Dinamarca	9,2	3,3	15,7	1,0	1,2	1,0	5,9	3,7	5,9	0,4	1,5
Alemanha	19,1	12,3	15,0	0,8	2,0	3,2	4,5	12,2	9,3	0,6	2,3
Estônia	2,6	12,7	22,0	2,9	7,7	1,5	6,0	17,9	5,2	1,2	2,0
Irlanda	52,9		19,5	0,5		3,9	2,5	1,5	18,7	0,5	2,1
Grécia	27,6	4,0	38,0	0,7	10,5	5,9	3,7	4,7	13,6	2,2	7,5
Espanha	23,0	15,9	26,9	1,5	5,4	6,1	4,3	12,3	12,9	0,8	1,7
França	24,1	13,1	18,2	1,2	6,3	8,8	4,6	11,9	7,5	0,5	2,1
Croácia	13,2	29,2	42,6	1,5	9,0	1,3	5,1	8,3	11,9	1,9	2,6
Itália	20,8	12,3	17,1	0,8	3,7	1,4	3,9	8,2	4,3	0,2	1,8
Chipre	1,8	11,4	44,3	1,1	3,8	14,9	4,6	2,2	0,4	0,4	1,0
Letônia	2,6	10,2	28,1	2,5	6,8	3,5	5,3	1,6	26,4	0,6	2,2
Lituânia	4,3	26,2	24,2	0,6	6,6	2,3	4,7	5,9	7,0	0,6	2,5
Luxemburgo		13,1				1,3				0,2	5,5
Hungria	20,6	37,5	26,1	1,9	11,0	3,5	11,2	12,6	15,7	1,7	3,2
Malta		14,5					1,7			0,4	8,5
Holanda	22,0	27,1	10,0	1,0	1,6	0,8	5,0	6,4	1,9	0,8	3,4
Áustria	11,5	15,0	13,6	0,8	2,4	11,5	3,4	26,1	8,0	0,6	2,7
Polônia	38,7	32,7	25,4	2,2	6,9	2,5	6,4	17,1	14,9	0,2	1,9
Portugal	19,9	22,7	27,7	1,7	6,8	5,5	4,5	39,0	5,6	0,8	3,1
România	51,7	60,3	33,0	2,1	10,4	0,8	2,5	6,7	13,1	1,2	2,2
Eslovênia	23,7	15,7	23,9	2,0	10,5	5,8	4,2	18,9	6,8	0,6	2,4
Eslováquia	61,7	30,4	26,4	1,7	6,3	7,6	5,3	40,5	3,7	0,2	1,4
Finlândia	29,3	14,3	10,7	2,2	2,4	8,1	6,0	73,0	18,3	1,1	1,9
Suécia	16,2		9,2	0,7	1,5	6,8	3,2	51,1	11,1	0,5	1,8

Fontes: Coface, Eurostat

Intensidade de energia muito alta
Alta intensidade energética
Intensidade energética média
Baixa intensidade energética

[12] Na base de dados de Eurostat utilizada para gerar a índice de intensidade energética, a denominação dos setores e os conteúdos diferem dos 13 setores para os que a Coface publica avaliações de risco.

CAIXA 2: PREVISÕES DO COFACE DO IMPACTO DA INVASÃO RUSSA DA UCRÂNIA NA TRAJETÓRIA FINANCEIRA DOS SETORES GLOBAIS

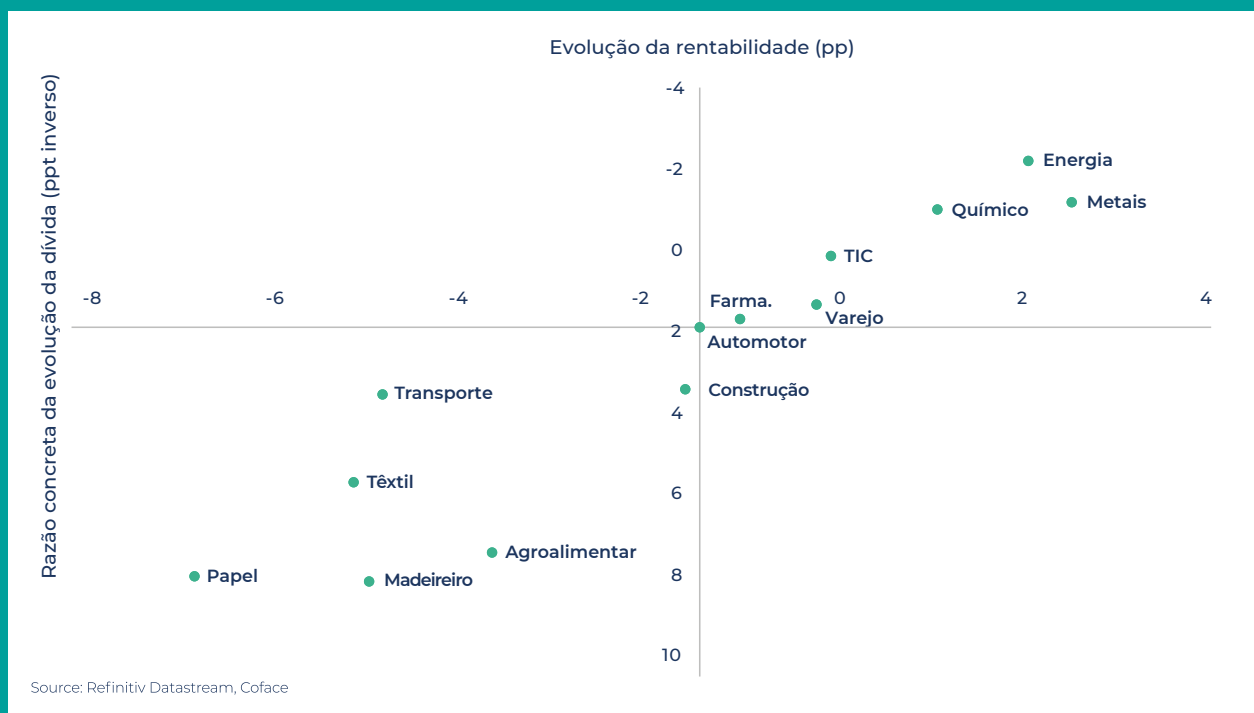
A Coface realizou um estudo estatístico a fim de classificar os setores mais afetados pelo choque provocado pela guerra na Ucrânia - em termos de repercussões na saúde financeira das empresas do setor - prevendo as variações dos indicadores financeiros (volume de negócios e dívida líquida) para o segundo trimestre de 2022. O banco de dados considerado é composto pelas empresas listadas (disponíveis no Refinitiv Datastream) nos 13 setores para os quais a Coface produz análises de risco do setor.

Para este fim, a Coface estudou e integrou a magnitude da crise da COVID-19^[13] em 2020. O gráfico 1 (uma abordagem semelhante foi utilizada para os gráficos 6 e 7, ver pág.7.) mostra a relação entre o crescimento da relação dívida líquida (dívida líquida/ativo total) e o crescimento do volume de negócios entre o 4T de 2021 e o 4T de 2022, para os 13 setores. Dentre os setores resistentes, destacam o farmacêutico e o TIC.

A resiliência das especialidades químicas é menos clara neste gráfico, devido à dinâmica complexa da indústria química. Por um lado, existem diferenças em termos de impactos para os setores petroquímicos em diferentes regiões do mundo. Por outro lado, os produtos químicos especializados são um subsetor menor, com um punhado de empresas localizadas principalmente na Europa Ocidental, Ásia e América do Norte, que estão vendendo produtos de tecnologia intensiva abrangendo várias indústrias (cosmética, automotiva, construção civil, etc.).

O estudo revela que os setores cíclicos e intensivos em energia, papel, madeira, têxtil, transporte e agroalimentar são os mais impactados.

Gráfico 1: Evolução do índice de endividamento líquido e da rentabilidade entre o 4T de 2021 e o 4T de 2022 (ppt)



O eixo não representa 0%, mas o valor mediano. Os dados utilizados aqui dizem respeito a empresas listadas, portanto, podem não ser totalmente representativos de todo o conjunto de empresas dentro de um setor.

A probabilidade de um setor ser resistente também está ligada à situação econômica e financeira pré-existente quando o choque ocorre. Enquanto o setor de transporte, em geral, é um setor de energia intensiva e provavelmente será atingido pelos altos preços do petróleo. As atividades de frete marítimo, por exemplo, enfrentam o choque com um nível confortável de rentabilidade em geral devido à dinâmica de preços muito alta desde o início do ano passado.

A maioria das dificuldades para essas atividades pode emergir dos efeitos colaterais da ruptura no porto de Xangai, que já está ocorrendo há mais de um mês, devido ao estrito confinamento implementado pelas autoridades chinesas para conter a pandemia da COVID-19 ali (variante Omicron). Como consequência, a produção de contêineres para o comércio externo em Chinafell foi de 4,1% para a metade dos dez dias de abril, abaixo do crescimento médio de 4,5% em março. Como quando a pandemia atingiu a economia global, é provável que os setores que estavam em dificuldade antes da crise sejam fortemente impactados por este choque.

Além disso, a nova rodada de sanções que poderia levar a uma proibição gradual do petróleo da Rússia, no final do ano (decidida no início de maio pela comissão da UE em resposta à invasão russa da Ucrânia em fevereiro passado) colocaria maior pressão sobre os preços do petróleo. Portanto, terá um impacto negativo sobre a maioria dos setores, aumentando notavelmente os custos dos insumos e, assim, diminuindo as margens.

Em contraste, é provável que o setor energético continue a ter um impacto positivo a médio prazo em geral. A longo prazo, ele poderá ser afetado negativamente se uma forte deterioração da dinâmica da demanda global se materializar, em particular se a guerra na Europa durar. Espera-se que os setores do têxtil e o automotivo globalmente continuem a ser os mais impactados no futuro. Mesmo antes da pandemia, ambos os setores foram afetados por mudanças profundas nos hábitos dos consumidores e por novas regulamentações relacionadas as preocupações ambientais.

Este novo contexto beligerante na Europa, um mercado líder mundial, alimenta incertezas políticas que provavelmente continuarão quebrantando a confiança dos consumidores, influenciando principalmente aos setores cíclicos. Além disso, é previsto que os setores mencionados sejam os mais impactados pelos efeitos secundários, da guerra na Ucrânia, a médio e longo prazo, mas também aqueles ligados ao confinamento no porto de Xangai. Incluso há uma grande desigualdade entre os subsetores do transporte. No primer trimestre de 2022, as ganancias do frete marítimo representaram 28% do seu faturamento, entras no transporte aero houve perdas de 11% do faturamento (ver Quadro 2).

O setor agroalimentar também poderia seguir sendo uns dos mais afetados, com risco de desencadear problemáticas sócio-políticas

Por um lado, o aumento dos preços do gás contribui para aumentar os custos dos insumos para as culturas agrícolas, diminuindo assim o rendimento dos agricultores (Caixa 3), enquanto o setor agroalimentar já é vulnerável a vários fatores estruturais como os riscos biológicos e a evolução em condições climáticas como o fenômeno La Niña[15]. As consequências do atual episódio La Niña, que está causando uma menor produção de soja e milho na América Latina, provavelmente serão exacerbadas.

O início de 2022 é marcado por fortes episódios de calor. Esses fenômenos, que causam secas e incêndios em larga escala, enfraquecem regiões vulneráveis ao ameaçar as culturas (Corno da África, Sul da Ásia), aumentando, portanto, o risco de fome. Isto também afeta economias mais ricas, como os EUA (na época em que se escreveram as consequências do incêndio do Calf Canyon no Novo México, por exemplo), onde causam danos consideráveis ao meio ambiente, bem como às casas em áreas densamente povoadas.

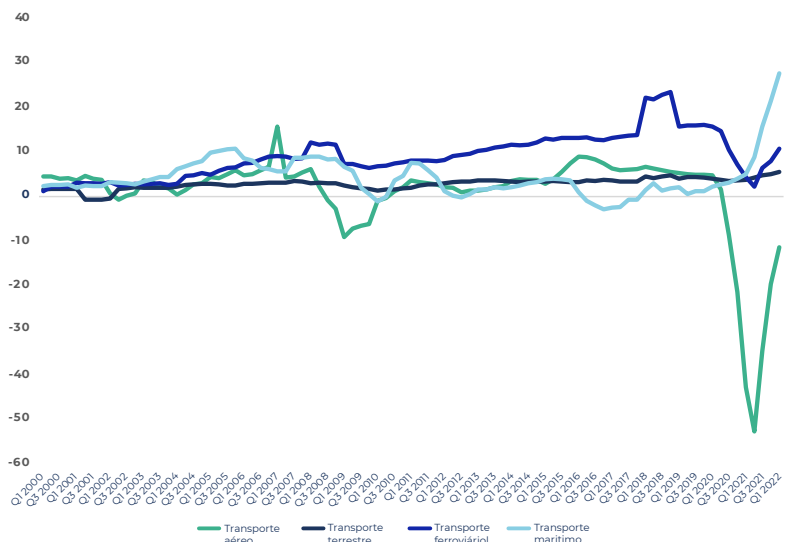
No entanto, vale mencionar que haverá grandes disparidades em termos de impacto e uma divisão entre as indústrias/empresas na cadeia de abastecimento, dependendo se elas estão a montante ou a jusante. Além disso, existirão disparidades regionais. Por exemplo, é provável que a América Latina seja menos afetada pelas rupturas na cadeia de abastecimento de cereais do que a UE, pois a região tem grandes produtores agroalimentares (notadamente de cereais) como o Brasil e a Argentina, apesar de sua dependência de fertilizantes russos. Este último, de fato, constitui um risco para o setor agroalimentar da região.

Somado à seca enfrentada por algumas partes da América Latina (Sul do Brasil, parte da Argentina e todo o território do Paraguai), que ameaça a safra 2021/2022. A dinâmica geográfica, de composição e operacional dentro do mesmo setor também tem um papel a desempenhar quando olhamos para o impacto da guerra. Isto explica em parte porque o setor químico em nível global deve enfrentar um choque mais moderado em sua trajetória financeira, em comparação com outros setores intensivos em energia, como papel, agroalimentar e têxtil, de acordo com os resultados do estudo (Caixa 2).

São esperadas transformações significativas no setor e evolução dos hábitos de consumo

As cadeias de fornecimento globais têm enfrentado desafios nos últimos dois anos devido aos efeitos colaterais da crise de saúde (por exemplo, a ainda existente escassez de semicondutores). O atual ambiente de incerteza substancial e alta inflação pode levar a um choque de demanda a médio prazo em algumas regiões, particularmente na Europa. Como durante a pandemia, a maioria dos governos tomou medidas para limitar o impacto da crise nos lares (cupons, descontos, impostos mais baixos sobre energia e/ou produtos alimentícios). Em países como o Egito - que foi varrido por "motins da fome" durante as primaveras árabes em 2011 (embora também tenham sido motivados por reivindicações políticas de mudança de regime) -, os governos têm feito esforços desde então para estocar trigo, por exemplo (o Egito é o primeiro importador mundial de trigo com 12 milhões de toneladas de

Gráfico 2: Rentabilidade do setor de transporte



importação por ano). Na Indonésia, onde as exportações de óleo de palma representaram 21% das exportações totais do ano passado, o Presidente Joko Widodo anunciou uma proibição das exportações de óleo alimentar a partir de 28 de abril, até novo aviso. Esta decisão visa garantir a disponibilidade interna e conter a inflação nos preços do petróleo comestível no país.

Outro exemplo que ilustrou a adaptação dos atores, que terá consequências a longo prazo, é a decisão dos governos da UE de reduzir significativamente sua dependência da energia russa, após a cúpula de Versalhes realizada na França em março. Eles concordaram em eliminar gradualmente sua dependência das importações russas de gás, petróleo e carvão, o mais rápido possível, através de três canais principais. Primeiro, acelerando a redução de sua dependência dos combustíveis fósseis, embora se espere que seja um processo gradual e de longo prazo. O objetivo é levar em conta as circunstâncias nacionais e as escolhas dos Estados-Membros sobre seu mix energético. Em segundo lugar, diversificando seus fornecedores e rotas, inclusive utilizando o gás natural liquefeito (GNL) e o desenvolvimento do biogás. Terceiro, através do desenvolvimento de um mercado de hidrogênio na Europa.

Também estão em jogo adaptações na organização da cadeia de abastecimento, a fim de limitar o impacto dos efeitos colaterais da guerra. Por exemplo, este é o caso das atividades ferroviárias. As sanções contra a Rússia não proibem - até o momento - o transporte ferroviário entre a China e a Europa através da Rússia. Entretanto, algumas empresas estão relutantes em utilizar estas rotas para suas mercadorias e, portanto, preferem exportar suas mercadorias através do corredor médio, que passa pela China e Cazaquistão, atravessa o Mar Cáspio até o Azerbaijão, passa pela Geórgia e Turquia, e eventualmente chega à Europa através do Estreito de Bósforo. Embora fosse difícil redirecionar todo o excesso de tráfego através deste corredor (cerca de 1,5 milhões de TEU[16] passam pela Rússia de trem a cada ano, enquanto menos de 100.000 TEU transitam pelo corredor do meio), este exemplo mostra a adaptação dos atores às circunstâncias que poderiam levar a mudanças nas principais rotas de transporte ferroviário de mercadorias e, portanto, às práticas que se avizinham. Além disso, a longo prazo, as preferências de alguns consumidores podem evoluir. Por exemplo, o aumento dos preços do trigo poderia estimular a produção de farinha cultivada localmente (sorgo, milho ou painço, notadamente na África subsaariana). Vemos também uma aceleração nas práticas de economia de energia das famílias e empresas na UE, fortemente encorajadas pelos governos e fornecedores de energia.

[15] De acordo com a Administração Nacional Oceânica e Atmosférica (NOAA), "La Niña é definida como uma temperatura mais fria do que a temperatura normal da superfície do mar [16] No oceano Pacífico tropical central e oriental que impactam os padrões climáticos globais".

CAIXA 3 - O IMPACTO DA GUERRA ENTRE A RÚSSIA E A UCRÂNIA NO FORNECIMENTO GLOBAL DE ALIMENTOS

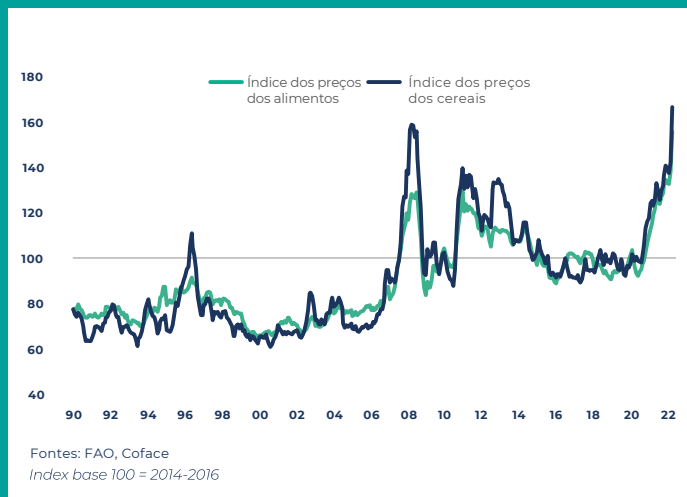
A preponderância da Ucrânia e da Rússia nas exportações globais de cereais, como trigo e milho, afetou diretamente seus preços e, em seguida, por efeito de repercussão, os de grãos grossos (cevada, sorgo, aveia, etc.). Concomitantemente, o par Rússia-Bielorrússia representa 20% das exportações mundiais de fertilizantes e 40% em relação ao potássio.

As restrições ao comércio com estes dois beligerantes aumentaram automaticamente os preços dos fertilizantes. As pressões inflacionárias sobre combustíveis e fertilizantes estão afetando severamente os custos de produção de cereais produtores. Portanto, todos os segmentos agroalimentares abaixo a cadeia de valor (carne, leite, óleos vegetais, etc.) serão duramente atingidos a curto prazo.

Além disso, a contração no comércio global de cereais (-2% entre 2020/21 e 2021/22) está conduzindo este a espiral inflacionária, apesar das tendências ascendentes previstas para a produção mundial e estoques de cereais. As consequências já são pesadas para o consumidor: preços: +17,9 pontos (mês a mês) para a FAO.

Março Índice de Preços de Alimentos, que atingiu seu nível mais alto de sempre (ver Quadro 3).

Gráfico 3: Índice dos preços dos alimentos



A evolução do risco ligado a este choque no setor agroalimentar afeta principalmente os países com uma alta dependência de alimentos importados e para os quais a cesta média diária dos lares depende de uma energia significativa à base de cereais de consumo. Mais de 225 milhões de pessoas são vulneráveis à insegurança alimentar em todo o mundo - várias populações de regiões de alto risco têm dieta à base de cereais. O aumento dos preços ao consumidor de alimentos básicos, combinado com um risco maior de insegurança alimentar, sugere um aumento do risco sociopolítico em vários países e regiões, notadamente no Norte da África, Sul da Ásia e no Corno da África (ver Quadro 4 e Quadro 5).

Gráfico 4:

Consumo de energia de cereais em pessoas ração diária (em kcal)

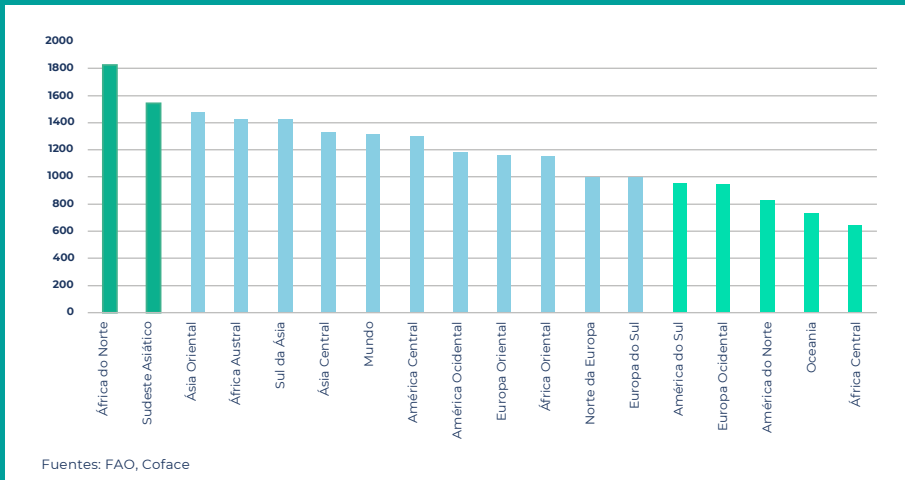
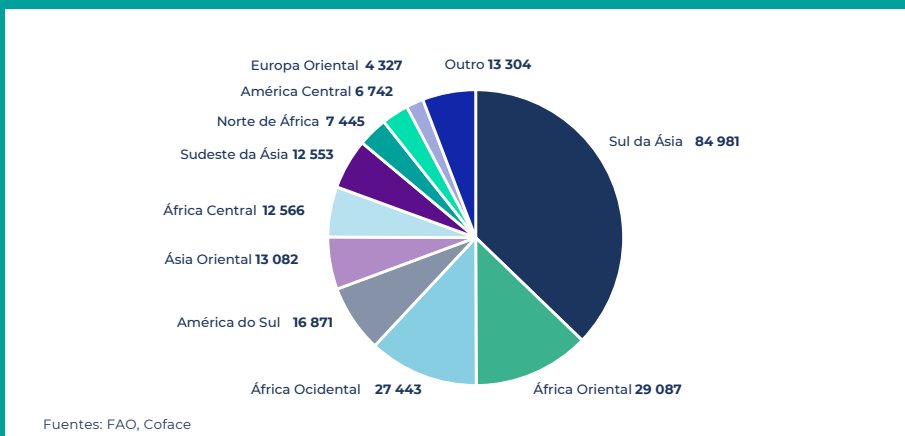


Gráfico 5:

Populações vulneráveis à insegurança alimentar (em milhares de pessoas)



Por último, mas não menos importante, o fato de que os governos de mercados significativos como a China e a Índia não estão sancionando a Rússia, poderia sugerir mudanças nas orientações de exportação a longo prazo, na ausência de uma resolução da guerra e do levantamento das atuais sanções contra a Rússia. Portanto, pudemos ver uma mudança nas exportações russas para outras regiões do mundo, notadamente a Ásia.

Vamos monitorar cuidadosamente as posições de concorrência de empresas em todos os setores do mundo que possam levar a "vencedores e perdedores" nos próximos dois ou três anos, no ciclo da corrida para acessar as exportações russas sob sanções ocidentais.

O setor farmacêutico, a mídia e o subsetor de químicos de especialidade poderiam resistir

Os setores e subsetores contra cíclicos altamente inovadores, que requerem pesquisas importantes e desenvolvimento, permanecerão mais uma vez os mais resistentes para o choque da guerra na Europa.

Embora a crise sanitária ligada à COVID-19 tenha de certa forma atenuado em muitas partes do mundo, ela é definitivamente não acabou, como ressaltado pelo aumento em novos casos na China durante as últimas semanas. Portanto, o setor farmacêutico, que surgiu como um dos mais "resistente" a essa crise, deve continuar tendo uma sólida dinâmica em relação ao desempenho financeiro, com diferenças de acordo com os países.

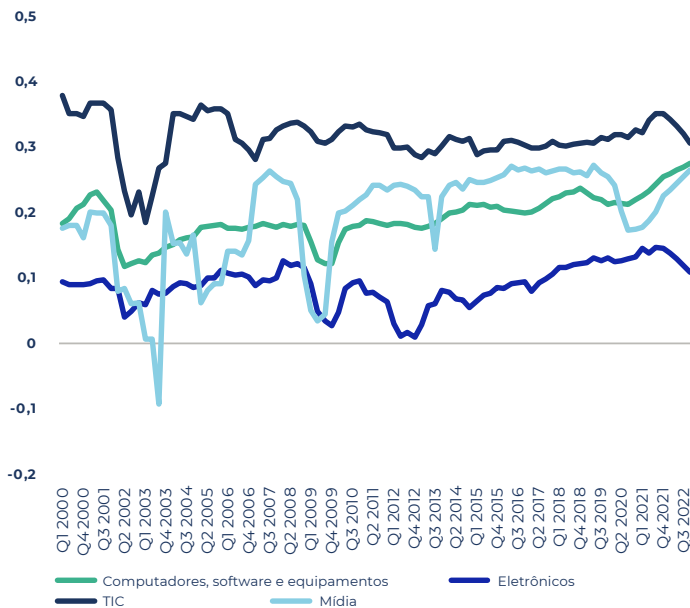
Entre os três segmentos das TIC, a Coface espera que o de mídia a permanecer a mais resistente, como visto em Gráficos 6 e 7, comparando os desempenhos financeiros projetados para os diferentes segmentos. A resiliência do subsetor de mídia pode ser explicada por três fatores principais fatores. Primeiro, os investimentos e equipamentos necessários para utilizar esses serviços antes da crise, de modo que os usuários não sejam impactados por rupturas na cadeia de suprimentos. Segundo, estes serviços continuam a ser necessários e podem ser utilizados remotamente. Assim, eles não são limitados por barreiras geográficas, ao contrário do que acontece com o frete ferroviário, atividade que mencionamos anteriormente, por exemplo. Terceiro, investimento há muito tempo orçamentado por empresas de TIC, que estão enfrentando esta nova crise com uma confortável posição financeira e pode continuar investindo em alta tecnologia.

No subsetor de especialidades químicas, um segmento composto por empresas que evoluem na beleza, mercados de fragrâncias ou sabores, é esperado que sejam resistentes, em comparação com outras indústrias do subsetor, tais como as ligadas às tintas e corantes, que são clientes de o setor automotivo muito cíclico e sua falta de brilho perspectiva.

A amostra de nossas corporações cobertas e monitoradas evolução neste subsegmento de especialidades químicas tem mostrado uma capacidade de contornar um pouco a corrente ambiente de vendas mais baixo (em volume), aumentando preços. Este movimento permitiu a essas empresas manter lucros satisfatórios até agora, apesar do alto nível de incerteza econômica.

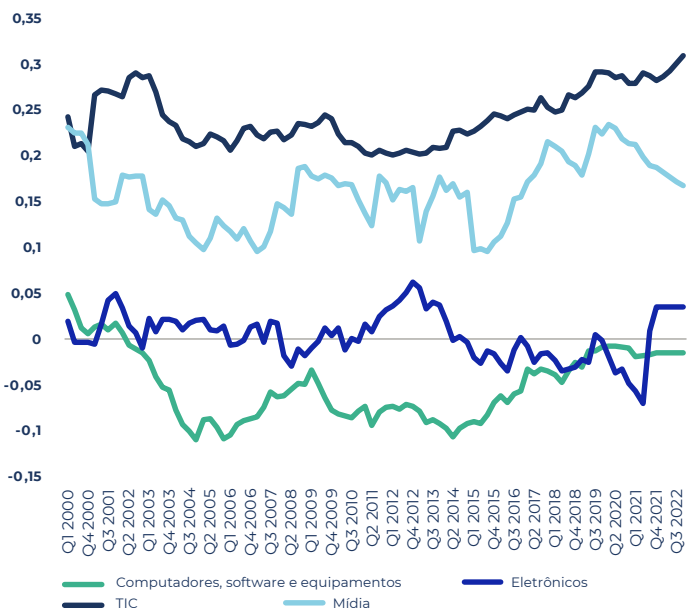
Como tal, muitas das empresas mencionadas lançado, em uma base trimestral, volume global e dinâmico crescimento das vendas, enquanto que os aumentos de preços na produção foram variando entre +12% e 22%, dependendo das empresas. Este dinâmica deve permanecer relativamente sólida no a médio prazo, mesmo que notáveis incertezas e os riscos à frente permanecem.

Gráfico 6: Previsões de taxa de rentabilidade* por segmentos ICT, com a guerra na Europa choque



Fonte: Datastream Refinitiv, Coface
*Esta metodologia foi a mesma usada no quadro 1. Caixa 2 p.4)

Gráfico 7: Previsões do índice de endividamento líquido* por segmentos TIC, com a guerra na Europa choque



Fonte: Datastream Refinitiv, Coface
*Esta metodologia foi a mesma usada no quadro 1. Caixa 2 p.4)

ECONOMISTAS DO GRUPO COFACE

Jean-Christophe Caffet
Economista Chefe
Paris, França

Sarah N'Sondé
Chefe de Análise Setorial
Paris, França

Bruno De Moura Fernandes
Chefe de Pesquisa
Macroeconômica
Paris, França

Bernard Aw
Economista, Ásia-Pacífico
Cingapura

Christiane von Berg
Economista, Europa
do Norte e Bélgica
Mainz, Alemanha

Dominique Fruchter
Economista, África
Paris, França

Erwan Madelénat
Economista do Setor e
Cientista de Dados
Paris, França

Grzegorz Siewlewiec
Economista, Europa
Central e Oriental
Varsóvia, Polônia

Khalid Ait-Yahia
Economista setorial
e estatístico
Paris, França

Aroni Chaudhuri
Coordenador
e Economista, África
Paris, França

Marcos Carias
Economista, Europa do Sul
Paris, França

Patricia Krause
Economista, América Latina
São Paulo, Brasil

Ruben Nizard
Economista, América do Norte
Toronto, Canadá

Seltem Iyigun
Economista, Oriente Médio
e Turquia
Estambul, Turquia

Simon Lacoume
Economista Setorial
Paris, França

DISCLAIMER

Este documento reflete a opinião do Departamento de Pesquisa Econômica da Coface, a partir da data de sua elaboração e com base nas informações disponíveis; ele pode ser alterado a qualquer momento. As informações, análises e opiniões contidas neste documento foram compiladas a partir de múltiplas fontes consideradas confiáveis e respeitáveis; entretanto, a Coface não garante a exatidão, completude ou realidade dos dados contidos neste documento. As informações, análises e opiniões são fornecidas apenas para fins informativos e destinam-se a complementar as informações disponíveis para o leitor. A Coface publica este documento de boa fé e com base em uma obrigação de meios (entendidos como meios comerciais razoáveis) quanto à exatidão, integridade e realidade dos dados. A Coface não será responsável por quaisquer danos (diretos ou indiretos) ou perdas de qualquer tipo incorridos pelo leitor como resultado do uso das informações, análises e opiniões do leitor. Portanto, o leitor é o único responsável pelas decisões e consequências das decisões tomadas com base neste documento. Este documento e as análises e opiniões aqui expressas são de propriedade exclusiva da Coface; o leitor está autorizado a consultá-los ou reproduzi-los apenas para uso interno, desde que estejam claramente marcados com o nome "Coface", que este parágrafo seja reproduzido e que os dados não sejam alterados ou modificados. Qualquer uso, extração, reprodução para uso público ou comercial é proibido sem o consentimento prévio da Coface. O leitor é convidado a consultar os avisos legais no site da Coface:

<https://www.coface.com/Home/General-informations/Legal-Notice>.

COFACE SA

1, place Coste et Bellonte
92270 Bois-Colombes
France
www.coface.com